Capítulo V — Evangelização apostólica da África

> **Sumário.** Provas dessa evangelização nas palavras de Nosso Senhor. — Na degradação das populações africanas. — O interior da África conhecido muito antes de nossa época. — O tesoureiro da rainha Candace. — Missão de são Mateus.

Quando o Filho de Deus diz aos apóstolos que lhe darão testemunho até as extremidades da terra e que, por eles, o facho do evangelho será apresentado a todas as nações, não põe restrição alguma às suas palavras. Não diz: *«Evangelizareis o mundo inteiro, exceto a África, a terceira parte do mundo.»* Dessa divina predição, temos o direito e o dever de concluir que o evangelho deu a volta ao globo antes da ruína de Jerusalém. De outro modo, a ruína estrondosa da cidade deicida não teria tido para as nações não evangelizadas significação alguma. Nem os historiadores em suas narrativas, nem os doutores da Igreja em suas interpretações tiram coisa alguma da universalidade dos divinos oráculos. Quem somos nós para ousar restringi-los ou contradizê-los? Quem somos, sobretudo, para vir, depois de tantos séculos, acusar as grandes igrejas do Oriente e do Ocidente de não conhecerem a sua genealogia ou de a terem falseado? Ora, se as interrogarmos sobre a sua origem, todas respondem com nobre segurança: Somos filhas dos apóstolos em pessoa, ou dos companheiros de seu apostolado.[1]

Dizemos os companheiros de seu apostolado, e foram numerosos. Não se atenta bastante no que aconteceu em Jerusalém no dia de Pentecostes. Em apenas dois discursos, são Pedro converte oito mil pessoas de todas as nações que há debaixo do céu: *ex omni natione quæ sub cælo est* (At 2, 5).

Além dos setenta e dois discípulos, que foram dispersados na perseguição de santo Estêvão; além de Lázaro, de suas irmãs e das três Marias, que vieram evangelizar a Gália meridional: pode-se duvidar de que esses oito mil convertidos se tenham tornado outros tantos pregadores da boa nova, cada um em seu país, e por conseguinte em todos os países do mundo, uma vez que no dia de Pentecostes todos os países tinham seus representantes em Jerusalém? Como todas essas pessoas, testemunhas de coisas tão prodigiosas e cheias do Espírito Santo, teriam, de volta, guardado silêncio sobre o que haviam visto e ouvido? Isso não está na natureza.

Longe de reter cativa a verdade, esses felizes privilegiados da graça não cessaram de falar dela. Seus relatos, mais ou menos exatos nos pormenores, o que era inevitável, tornaram-se a base dos numerosos evangelhos apócrifos, publicados desde os primeiros dias da Igreja. É o que são Lucas

dá claramente a entender quando diz que muitos haviam empreendido escrever a história dos grandes acontecimentos relativos a Nosso Senhor. Além disso, a conduta de todos esses convertidos, tão diferente do que fora outrora, tornava-se uma pregação viva, motivo de curiosidade e de perguntas para todos os que a presenciavam. Que poderoso auxílio dado aos apóstolos na evangelização do globo!

Como vimos, os testemunhos mais autênticos confirmam o raciocínio. Não pode, pois, restar dúvida alguma sobre a apostolicidade imediata das grandes igrejas da Europa e da Ásia Menor. Restam a África, o alto Oriente e a América. Falemos primeiro da África.

1º As tribos degradadas da África que hoje se descobrem não são povos primitivos. O homem não nasceu em estado selvagem, vivendo isolado nos bosques, alimentando-se de bolotas, comendo seus semelhantes, sem nenhum ou quase nenhum conhecimento de Deus, da ordem sobrenatural, das leis da sociedade e da família.

Renovada dos autores clássicos e posta de novo em voga pelos humanistas do Renascimento, por Rousseau e pelos revolucionários modernos, essa absurda suposição não resiste um instante ao exame. Essas tribos são, pois, raças decaídas. Decaíram não por ato próprio, mas por ato de seus autores.

Em épocas mais ou menos remotas, estes abusaram das luzes e dos socorros que o Pai celeste, de quem eram filhos, lhes concedera, como aos demais membros da família humana. Como a queda se mede pela altura de que se cai, é perfeitamente lógico concluir que a altura de que caíram os antepassados dessas infelizes tribos é a mais considerável a que o homem pode aspirar neste mundo: essa altura é o cristianismo. A consequência impõe-se por si mesma.

2º Se a África tivesse sido excluída da evangelização apostólica, as palavras de Nosso Senhor teriam perdido o seu significado. Significariam, como dissemos: Dar-me-eis testemunho, vós em pessoa, até o último limite do mundo, exceto a África. Assim, contrariamente às suas ordens, o Redentor do gênero humano, vindo na plenitude dos tempos para salvar tudo o que perecera, teria feito brilhar o sol da verdade em apenas duas partes do mundo e deixado a terceira mergulhada, durante dois mil anos, nas trevas da barbárie: é isso concebível?

3º Os fatos desmentem essa injuriosa suposição. A história nos ensina que a África, isto é, o Egito, a Etiópia, a Líbia e as outras regiões da Península, reconhecem por pais na fé são Marcos, são Mateus, são Judas, são Matias, são Tomé e são Simão.[2]

4º Regada de sangue cristão e confirmada por milagres, a semente evangélica lançou profundas raízes na terra de Cam e estendeu-se pelo interior, até distâncias desconhecidas. Na própria origem do cristianismo, Alexandria viu formar-se uma igreja rival da de Roma e da de Jerusalém, pelo número e pelo fervor dos fiéis. Escolas célebres no mundo inteiro ali se estabeleceram desde os tempos apostólicos. Os vastos desertos da Tebaida povoaram-se de uma multidão de solitários, e numerosos mártires proclamaram altamente a verdade do cristianismo e propagaram o seu conhecimento.

Como supor que a doutrina dos grandes filósofos de Alexandria, a presença dos solitários durante vários séculos, seu gênero de vida tão novo, suas virtudes heroicas, seus milagres, os gloriosos combates dos mártires, que sustentavam sua fé aos olhos de milhares de espectadores vindos de todas as partes, não tenham atraído a atenção dos povos vizinhos e contribuído poderosamente para dar-lhes a conhecer o evangelho?

5º Não é aqui uma vã suposição. No tempo de santo Agostinho, a África contava mais de trezentos bispados. Na Grande Conferência, realizada em Cartago em 410 e presidida pelo imortal bispo de Hipona, achavam-se 286 bispos católicos e 159 bispos donatistas, que na maior parte voltaram a ser católicos. Esse número tão considerável de bispados supõe evidentemente uma evangelização ampla, poderosa e muito anterior.

Ora, pode-se admitir que o sol da Verdade, brilhando com todo o seu esplendor, durante mais de três séculos, sobre uma grande zona da África setentrional, não tenha enviado nenhum de seus raios ao centro da Península? Tantos santos bispos, os Cipriano, os Agostinho, os Fulgêncio, os Vítor, careciam de zelo para estender o reino de Deus? Como crer que, durante tão longo espaço de tempo, o espírito do apostolado não tenha descido sobre nenhum desses milhares de sacerdotes, muitos dos quais assinaram a fé com o seu sangue? A todo homem imparcial, tal suposição parecerá certamente inadmissível.

Que os monumentos da evangelização primitiva da África se tenham perdido, é uma desgraça, sem dúvida. Mas, de um lado, essa perda, que na história não é a única do mesmo gênero, forma apenas uma objeção negativa; de outro, nada tem de surpreendente. Sem falar das revoluções, dos incêndios, dos saques de cidades, das invasões de bárbaros, das guerras intestinas, de que a África não foi mais isenta que as outras partes do império romano, esquece-se de que, por várias vezes, e desde o começo da Igreja, os Césares perseguidores mandaram procurar por toda parte os arquivos cristãos e os entregaram publicamente às chamas? Senhores da África, os Vândalos seguiram-lhes o exemplo.

Ao raciocínio juntam-se os fatos. A tradição nos ensina que, antes mesmo dos apóstolos, na primeira aurora do cristianismo, o grande tesoureiro da rainha Candace levou o facho da fé à Etiópia. Sua vizinha, a Abissínia, embora cismática, ainda é cristã e deve aos apóstolos o dom da fé. Dá-se o mesmo com a Líbia, muito conhecida dos Romanos, a quem fornecia os leões do anfiteatro, e que confina com o centro da África. Os berberes, os cabilas, os tuaregues, que habitam uma parte do Saara, conservam vestígios muito reconhecíveis do cristianismo.

Entre as tribos degradadas das costas orientais da África, encontram-se ainda cruzes e monumentos de uma antiga civilização cristã.

> *Entre os Mouézi, veem-se nas casas e nos campos cruzes bastante numerosas; hoje são de pura ornamentação, mas anunciam talvez uma civilização cristã, introduzida em tempos remotos pelas colônias abissínias.*[3]

O evangelho penetrou, pois, na África muito mais cedo, e até profundezas muito mais consideráveis do que se supõe ordinariamente: seria temerário duvidar disso. Podemos acrescentar que, quanto mais se conhecer esse país, mais se verá que o sol de justiça brilhou sobre essas vastas regiões, como sobre todas as outras partes do mundo, *ubique et usque ad ultimum terræ*, segundo a infalível e onipotente palavra do Filho de Deus.

A ignorância da história cristã é a causa de nossas dúvidas. Acreditamos de bom grado que o interior da África só foi conhecido e visitado em nossos dias. Os célebres viajantes Livingstone, Burton, Speke, Stanley, Cameron alcançaram a glória por terem sido os primeiros, diz-se com segurança, a descobrir em suas perigosas viagens esses mares e essas montanhas interiores da África: ao sul de Darfur e de Cordofão, os montes Al-Kamar, de onde sai o Nilo; e diante desses montes, os lagos Alberto Nyanza e Vitória Nyanza.

Ora, para estupefação de todos, esses mares e essas montanhas estão indicados e pintados num globo que tem quase duzentos anos de existência. O Tanganica, grande lago a oeste, objeto de novas e recentes descobertas, ali está igualmente marcado, bem como as nascentes e os cursos do Zambeze, do Congo e de toda essa rede de rios e ribeiros de que os jornais tanto fazem alarde. Esse globo, conservado e esquecido na biblioteca pública de Lyon, é obra de dois pobres capuchinhos, os padres Gregório e Boaventura!

É um novo exemplo da antiguidade das descobertas modernas: boa lição para a nossa vaidade.

Notas

[1] Ver Barônio, ano 44, n. 25-41.

[2] Barônio, no mesmo lugar.

[3] *Viagem à costa oriental da África*, pelo padre Horner, missionário, p. 163.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:22 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin